

MULHER E FILOSOFIA: ONDE ESTÃO AS FILÓSOFAS?

Juliana Pacheco Borges da Silva¹

Resumo: O presente texto tem como objetivo expor a presença das mulheres na história da filosofia. Mostrando que mesmo sendo escondidas e menosprezadas, elas existiram e fizeram diferença dentro da filosofia. Para expor essa presença, surgiram estudos investigativos que se debruçaram nas teorias de filósofos ocidentais, os quais demonstraram grande aversão às mulheres, colocando-as sempre numa posição de inferioridade. Com isso, a ausência feminina no que tange o campo do conhecimento filosófico foi reforçada pelos discursos - ainda que indiretamente - desses filósofos. Assim, busca-se restituir por meio de uma *filosofia feminina* essa ausência, trazendo luz para o que foi e ainda é obscuro na filosofia: “as mulheres filósofas”.

Palavras-chave: Mulheres; Filosofia; História da Filosofia; Feminismo.

Abstract

This article intends to expose the presence of women in the history of philosophy, showing that even hidden and neglected, they existed and made difference inside philosophy. To expose this presence, several investigative studies have emerged focusing on the theories of occidental philosophers, who showed great aversion to women by putting them always in a position of inferiority. Because of that, the absence of women on the field of philosophical knowledge was reinforced by speeches – even indirectly – of the philosophers. Therefore, this study intends to recognize through a feminist philosophy this absent, bringing light to what was and still is obscured in philosophy, “the women philosophers”.

Keywords: Women, Philosophy, History of Philosophy, Feminism.

A mulher sempre esteve presente na história da humanidade. Todavia, sua imagem sempre foi representada de modo pequeno e inferior, principalmente quando comparada ao homem. Desta forma, a presença feminina ao longo da história foi obscurecida, resultando no distanciamento da mesma em atividades ligadas ao intelecto, ou seja, todas aquelas atividades consideradas de “cunho masculino”. Por isso, as mulheres ficaram reclusas em espaços restritos, onde não podiam exercer e desenvolver qualquer atividade ligada ao intelecto e ao bem público. Assim, a imagem das mulheres não poderia estar associada à capacidade racional de pensamento, pois não lhe foi dada a chance de mostrar tais capacidades e habilidades.

Sabe-se que a questão do posicionamento das mulheres - como o de sua natureza - no decorrer da história foi influenciado por discursos, os quais acabavam tecendo negativamente a imagem da mulher, buscando justificar a “submissão feminina” em fatores biológicos ou

¹ Mestranda em Filosofia pela PUCRS; Bolsista CAPES. E-mail: juliana.pachecobs@gmail.com; Tel: (51) 96444017.

naturais. Como as mulheres não tinham espaço, esses discursos foram realizados pelos homens, que as teceram como o sexo frágil, complexo, limitado e de natureza inferior. Que homens ajudaram a tecer essa imagem? Os filósofos foram alguns desses homens. Muitos deles trataram as mulheres de forma negativa, são raros os que destacavam uma posição contrária a da negatividade em relação ao sexo feminino. Alguns tentaram amenizar essa ideia de inferioridade - para não dizer misógina - nas mulheres, apelando para uma *essência feminina* e com isso buscando racionalizar as diferenças entre homens e mulheres. Desta maneira, obtinham uma explicação que justificasse as desigualdades e a exclusão das mulheres como pertencentes da humanidade.

A figura das mulheres na mitologia grega é exposta na imagem das deusas Afrodite (símbolo do amor), Deméter (símbolo da agricultura), Hera (símbolo do casamento), Atena (símbolo da inteligência), e outras. Apesar de haver presença feminina na mitologia, é importante acentuar que, a deusa que representa a inteligência surgiu da cabeça de Zeus. Isto demonstra a visão de que o pensamento e a inteligência pertenciam à figura masculina. Essa visão não aparece apenas na mitologia grega, mas nos próprios diálogos de Platão. No diálogo preparatório da morte de Sócrates, não há presente nenhuma mulher. As mulheres não participaram dos diálogos e discussões proferidas pelos homens. Permanecia-se então nesses acontecimentos, a ausência das mulheres, por não atribuir-se a elas a capacidade do pensamento².

A ausência e o silenciamento das mulheres na história da filosofia têm alertado estudiosos e pesquisadores do campo filosófico. De fato é notório uma invisibilidade feminina na história da filosofia, como também, nos espaços acadêmicos, sendo raras as professoras e alunas nesse meio. E isso tudo é decorrência do ofuscamento das mulheres no passado, e que percorre até os dias de hoje. Devido a perguntas frequentes como: Por que não há filósofas? Por que as mulheres não fizeram e não fazem filosofia? É que surgiu uma reflexão acerca do obscurecimento da mulher dentro da filosofia. Para o esclarecimento dessas questões foram realizados estudos investigativos sobre as teorias de filósofos, debruçando-se nos pontos que falavam sobre a condição feminina diretamente ou indiretamente. No livro *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*, organizado pela Maria Luísa Ribeiro Ferreira, encontram-se vários textos escritos por colaboradores que explicitam o modo como alguns filósofos ocidentais pensaram a mulher e o conceito que formaram sobre a natureza feminina. Os textos não só mostram os pensamentos e conceitos dos filósofos sobre as mulheres, como uma importante

² FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As Mulheres na Filosofia*. Lisboa. Colibri, 2009. p.27.

contribuição feminina nas teorias desses filósofos. Por exemplo, há um texto³, o qual revela a contribuição da princesa Elisabeth de Boêmia, para a teoria cartesiana. Sem os questionamentos dela, Descartes jamais teria se aprofundado em pontos fundamentais de seu trabalho filosófico. Faz-se necessário compreendermos isso, pois assim poderemos entender o motivo da ausência das mulheres dentro do pensamento histórico-filosófico.

Apesar de terem existido filósofos que demonstraram uma postura de indiferença e até misógina em relação às mulheres, moldando-as de forma esdrúxula e muitas vezes insignificante, houve outros que demonstraram um pensamento oposto. Adília Maia Gaspar, também se preocupou com essa temática das mulheres, em seu livro *A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos*, aborda as ideias de quatro filósofos do século XVIII: Kant, Rousseau, Hume e Condorcet. Os dois primeiros apresentam uma ideia restrita em relação às mulheres, atribuindo-as somente funções domésticas (mãe e esposa), excluindo-as de qualquer esfera pública. Ambos justificam tal pensamento no conceito de natureza. Para Rousseau há dois pontos importantes que justificam as atribuições dadas as mulheres: “o primeiro é que as mulheres são fisicamente menos fortes que os homens; o segundo é que elas têm a seu cargo a produção de crianças e esse ‘trabalho’ limita sua independência.”⁴. A justificativa de Kant está focada na questão racional, nas palavras de Gaspar: “Para Kant o critério distintivo da humanidade é a capacidade racional e, embora não a negue às mulheres, defende que nelas esta se encontra diminuída.”⁵. Já os dois últimos filósofos assumem uma posição otimista no que tange a condição feminina, pois percebem as injustiças sofridas pelas mulheres. Hume, segundo Gaspar, “coloca-se numa perspectiva igualitária: homens e mulheres têm vontade de domínio e, para o provar, utiliza a lenda das Scytias que teriam mesmo sacrificado a vaidade de serem admiradas pelos homens a essa vontade de poder, cegando-os, para melhor os conseguirem dominar.”⁶. Condorcet, diferentemente de Kant, não atribui as mulheres uma racionalização distinta da homem, além de considerar que ambos possuem uma racionalidade igual, incluí a eles também, a sensibilidade.

Com o funcionamento de que as mulheres, tal como os homens, são seres racionais e sensíveis, Condorcet reivindica que lhes sejam reconhecidos os mesmos direitos e, obviamente, o acesso à cidadania, à esfera onde se exerce o poder político; desvaloriza as diferenças “naturais” entre homens e mulheres e considera que não só

³ FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*. São Leopoldo, RS. Editora Unisinos, 2010. pp.115-136.

⁴ GASPAR, Adília Maia. *A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro. Uapê: SEAF, 2009. p.35.

⁵ GASPAR, Adília Maia. *A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro. Uapê: SEAF, 2009. p.61.

⁶ GASPAR, Adília Maia. *A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro. Uapê: SEAF, 2009. p.22.

a razão, mas também a preocupação com a justiça devem levar a proclamar a igualdade entre os sexos, já que, em sua opinião, tanto do ponto de vista emocional como intelectual, essas diferenças são mais atribuíveis à socialização que à natureza.⁷

Podemos perceber que mesmo se tratando de filósofos do período das luzes, há uma separação de ideias entre eles no que diz respeito à existência das mulheres. Gaspar, nesta obra, propõe uma reflexão a partir do pensamento desses filósofos, ou seja, mostrar que alguns filósofos mesmo que desenvolvendo e contribuindo com suas teorias para a sociedade, ficaram presos em outros aspectos de sua época, deixando o preconceito prevalecer e, em alguns casos, contribuindo para o seu fortalecimento. Portanto, não se busca desconsiderar as demais contribuições que tais filósofos fizeram ao longo da história. O que se busca é, por meio da análise desses textos, compreender a situação das mulheres ao longo dos anos, na tentativa de fazer valer suas qualidades e valores na atualidade. Até porque não podemos mudar o pensamento dos filósofos que já se foram a respeito das mulheres, mas certamente, podemos mostrar o valor e as contribuições das mulheres no passado, no presente e no futuro da filosofia.

Penso ser de relevância destacar o filósofo John Stuart Mill, que não está no livro de Gaspar, mas que no século XIX, em pleno caminho da emancipação das mulheres, publicou o ensaio *A Sujeição das Mulheres*. Neste ensaio Mill tenta “desconstruir” a ideia de que a mulher possui uma natureza subalterna. Um argumento interessante que utiliza em sua obra é a impossibilidade de se conhecer a capacidade das mulheres, pois nunca as deixaram mostrá-la. Por isso não há como afirmar categoricamente que as funções que cada sexo exerce na sociedade são adaptadas a sua natureza. Nas palavras de Mill:

Se alguma vez se tivesse conhecido uma sociedade de homens sem mulheres, ou de mulheres sem homens, ou se tivesse existido uma sociedade de homens e mulheres em que estas não estivessem sob o controle daqueles, teria sido possível adquirir algum conhecimento preciso acerca das diferenças psicológicas e morais eventualmente inerentes à natureza de cada um.⁸

Nota-se que este foi um dos poucos filósofos a não ver o sexo feminino como o diferente e inferior. Defendeu o sufrágio para as mulheres, já que elas faziam parte da população. Com isso, percebemos também indícios da presença feminina ao longo da história, pois Mill acabou dando seguimento as questões levantadas pela escritora e filósofa Mary Wollstonecraft no século XVIII, sobre os direitos das mulheres.

⁷ GASPAR, Adília Maia. *A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro. Uapê: SEAF, 2009. p.87.

⁸ MILL, John Stuart. *A Sujeição das Mulheres*. Almedina. Coimbra, 2006. pp. 71-72.

Por meio dessas investigações dentro do pensamento filosófico, é que podemos responder a pergunta: Onde estão as filósofas? Mesmo sendo excluídas e escondidas, elas fizeram parte da história da filosofia. Apesar do controle masculino nas questões filosóficas, pôde-se encontrar, ainda que poucas, referências sobre a existência dessas mulheres. A filosofia não foi e nem é feita apenas por homens, embora a mesma continue associada à figura masculina. Para Ferreira, a *voz masculina* ainda é dominante na filosofia. Deste modo, se constituiu uma linha investigativa, a qual procura trazer a *voz feminina*, que sempre foi silenciada no seio da filosofia, tornando-a visível e mostrando sua relevância. Pretende-se, nas palavras de Ferreira:

restituir a voz a filósofas do passado, dando-lhes visibilidade e mostrando o impacto que tiveram. Habitualmente catalogadas como discípulas deste ou daquele nome sonante, começa-se a reconhecer nelas um pensamento autônomo, expresso através dos meios em que lhes era possível divulgá-lo, quer se trate de ensaios, de tratados, ou simplesmente de cartas.⁹

Portanto, a reconstituição é uma maneira de sanarmos a questão sobre haver ou não filósofas. Elas por muito tempo estiveram escondidas em conceitos errôneos e misóginos. Porém, gradativamente, elas vão ganhando espaço, devido as suas indagações e lutas pelas mulheres. A mudança começou a ocorrer de fato nos anos 60, pois com a força do movimento feminista que buscava direitos e igualdade entre os sexos, as mulheres começaram a ganhar visibilidade. Contudo, essa é uma “luta” inacabada, porque a visibilidade feminina permanece com pontos obscuros, de uma história cheia de opressão e submissão. Para Marcia Tiburi, as mulheres não só participaram da filosofia, como de outros setores da sociedade, porém, essa participação se deu pela porta dos fundos¹⁰. Apesar disso, ‘mulher e filosofia’ continuam separadas, mesmo que de forma sutil. Podemos reparar essa separação na escassez feminina nos currículos dos cursos de filosofia e nos corredores acadêmicos.

Até o presente momento, enfatizou-se a existência da presença de mulheres na história da filosofia. Mas, quem foram essas mulheres? O que elas fizeram? Há diversas mulheres que contribuíram e fizeram diferença no campo intelectual, no entanto apenas citarei algumas delas. Desde a Antiguidade já havia uma presença feminina, podemos destacar três: (1) Safo de Lesbos (VII-VI a. C.) conhecida por lidar diretamente com as artes poéticas e musicais, criou um ambiente para que as mulheres pudessem desenvolver suas habilidades artísticas; (2) Diotima de Mantinea (427-347 a. C.) é conhecida pelos diálogos platônicos sobre o amor,

⁹ FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As Mulheres na Filosofia*. Lisboa. Colibri, 2009. p.28.

¹⁰ TIBURI, Marcia. “As mulheres e a filosofia como ciência do esquecimento”. In. *Com Ciência*, Campinas, dez.2003, pp.1-3. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/15.shtml>>. Acessado em: 10 de maio de 2014.

mais especificamente no *O Banquete*. Como só encontramos a presença dessa filósofa nos escritos de Platão, há dúvidas de sua existência, mas como teve uma marcante presença na obra desse filósofo, podemos nos direcionar a favor do existir; (3) Hipácia de Alexandria (415 d. C.) foi uma filósofa e grande conhecedora de Matemática e Astronomia. Ela foi professora na Academia de Alexandria, substituindo o filósofo Plotino.

Na Idade Média também houve saliência feminina. Igualmente destacarei três mulheres: (1) Heloísa de Paráclito (1101-1164) mais conhecida por sua relação escandalosa e conturbada com Abelardo, que era casado. Também se destacava por sua dedicação e inteligência. Assim, sendo reconhecida como possuidora do dom a escrita e leitura, escrevendo *Problemata*; (2) Catarina de Siena (1347-1380) foi uma líder italiana de uma comunidade heterodoxa de homens e mulheres. Também escreveu *Diálogo da Doutrina Divina*; (3) Cristina de Pizan (1365-1431) foi uma filósofa poetisa, que ficou conhecida por criticar a misoginia dentro do meio literário. Na sua obra *A Cidade das Mulheres*, ela questiona a autoridade masculina de seu tempo.

Entrando, agora, na Idade Moderna, exporei mais três mulheres de muitas que há: (1) Mary Astell (1666-1731) foi uma inglesa que uniu todas suas convicções as causas feministas; (2) Mary Wollstonecraft (1739-1797) foi uma escritora e filósofa inglesa, ficando conhecida pelas suas defesas aos direitos das mulheres. Sua obra *A Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, é considerada como uma das mais importantes. (3) Olímpia de Gouges (1748-1793) foi uma francesa que se destacou pelos seus escritos revolucionários em defesa das mulheres e dos negros. Uma de suas obras em destaque é *Os Direitos da Mulher e Cidadã*.

Na Idade Contemporânea a presença feminina vai ganhando peso em sua visibilidade. Realçarei três mulheres extraordinárias: (1) Rosa Luxemburgo (1871-1919) foi uma filósofa marxista, que se tornou mundialmente conhecida por suas ações revolucionárias e por fundar o Partido Social-Democrata (SPD) da Polônia e Lituânia. Escreveu diversas obras todas ligadas as questões da economia capitalista e o proletariado. Dentre elas se destacam, *Acumulação do Capital*, *Greve de Massas*, *Partidos e Sindicatos*, entre outras; (2) Hannah Arendt (1906-1975) foi uma filósofa alemã de família judia. Seus estudos se deram dentro da ciência política. Ela foi uma das poucas filósofas que não chegou a escrever sobre a condição feminina. Suas obras se enquadravam dentro da filosofia política, seu primeiro livro foi intitulado como *As Origens do Totalitarismo*; (3) Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora e filósofa francesa, ficando conhecida como companheira de Sartre e por utilizar de seu existencialismo em suas obras. Destacou-se nas questões feministas, principalmente

quando lançou seu famoso livro *O Segundo Sexo*, o qual se tornou fundamental para qualquer feminista que quisesse compreender as questões das mulheres e de sua existência.

Estas são algumas de tantas mulheres que fizeram parte da história da filosofia. A tarefa que nos cabe atualmente é fazer valer a presença destas mulheres que por muitos anos foram e ainda são ocultadas. Devemos deixar essas vozes gritarem, já que passaram um bom tempo silenciadas. Portanto, segundo Ferreira, é por meio de uma *filosofia no feminino*, que podemos restituir a presenças de grandes mulheres nesse campo abrigado pelo conhecimento e sabedoria. Em suas palavras, uma *filosofia feminina* tem como objetivo:

Dar visibilidade às mulheres num domínio em que aparentemente tiveram seu estatuto de sombras, a sua tarefa é eminentemente reconstrutiva, quer desvelando a presença oculta [...] da mulher na história da filosofia, quer destacando no território filosófico coordenadas femininas que dele estiveram afastadas, quer mostrando a produção filosófica das mulheres pela divulgação de textos que por várias razões se mantiveram desconhecidos.¹¹

Não há como modificar a invisibilidade que estas mulheres sofreram em seu tempo, mas para que não permaneçam ocultas no presente e nem no futuro, é necessário questionarmos e ao menos fazê-las visíveis no agora da filosofia. Isso é fundamental para que possamos responder aos questionamentos, principalmente daquelas mulheres que, atualmente, se interessam por filosofia, para que assim quando entrarem em cursos dessa área não se sintam excluídas, ou menos capazes, achando que a filosofia é feita apenas por homens. É importante salientar que o fato de dar som as vozes femininas que contribuíram para a filosofia, não significa que deverá haver uma desvalorização, ou que devemos repudiar os filósofos por terem moldado as mulheres de maneira insignificante. Isto deverá servir para que possamos compreender o pensamento de cada um deles dentro do seu respectivo contexto histórico, o que possibilita também a uma análise da condição feminina. Deste modo, realizando tal estudo podemos, de certa maneira, “reparar” algumas injustiças cometidas com as mulheres do passado, e assim garantindo que semelhantes injustiças não percorram na atualidade.

A conhecida expressão “atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher”, reforça a ideia de que as mulheres sempre estiveram numa posição de sombras. Por isso, para que essa expressão não continue sendo propagada mundo a fora, é necessário sairmos da zona de conforto, trazendo nossos questionamentos e anseios, para que assim, possamos construir a ideia de igualdade humana. Portanto, encerro este texto reformulando a expressão citada

¹¹ FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As Mulheres na Filosofia*. Lisboa. Colibri, 2009. p.29.

anteriormente da seguinte maneira: “ao lado de um grande homem há sempre uma grande mulher”.

Referências bibliográficas

- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As Mulheres na Filosofia*. Lisboa. Colibri, 2009.
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As teias que as mulheres tecem*. Lisboa. Colibri, 2003.
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*. São Leopoldo, RS. Editora Unisinos, 2010.
- GASPAR, Adília Maia. *A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro. Uapê: SEAF, 2009.
- GORZONI, Priscila. “Grandes Mulheres”. In. *Revista Conhecimento Prático Filosofia*. n.24, Editora Escala Educacional.
- MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. Almedina. Coimbra, 2006.
- TIBURI, Marcia. “As mulheres e a filosofia como ciência do esquecimento”. In. *Com Ciência*, Campinas, dez.2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/15.shtml>>. Acessado em: 10 de maio de 2014.